

## LIVROS DIDÁTICOS DE PORTUGUÊS: CIÊNCIA? ARTE?

Aracy Alves Martins<sup>1</sup>

Continuando na busca das possibilidades de uma *escolarização adequada*<sup>2</sup> da leitura literária, este texto procura discutir, em primeiro lugar, uma concepção veiculada na mídia, em pelo menos duas instâncias – revista de divulgação e Internet - sobre as condições de formação de leitores na escola; em segundo lugar, apresenta posturas assumidas por livros que circulam nas escolas brasileiras, subsidiados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), como um *corpus* privilegiado para deflagrar uma reflexão entre educadores sobre os leitores que pretendemos formar.

O colunista da Revista *Veja*, Cláudio Moura Castro, discutindo o analfabetismo funcional, no artigo “O Brasil lê mal”<sup>3</sup>, põe em cheque as estratégias de leitura utilizadas hoje em dia pela escola:

*Parece haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Os alunos se contentam com uma compreensão superficial do texto. Satisfeitos, passam a divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando, sobre o que evoca o texto. Mas isso tudo ocorre antes de acabarem de processar cognitivamente o texto, de decifrá-lo segundo os códigos rígidos da sintaxe. Dispara a imaginação, trava-se a cognição. Lemos como poetas e não como cientistas. Mas antes da hora de ler poesia, após o jantar, há que ler contratos, cartas comerciais, bulas de remédio, instruções de serviço, manuais, análises da sociedade e dos políticos, e por aí fora.*

---

<sup>1</sup> Professora do Setor de Linguagens do DMTE – Faculdade de Educação da UFMG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário/CEALE-FaE/UFMG. Doutora em Educação.

<sup>2</sup> Magda Soares (1999:42,47) defende a descoberta de uma escolarização adequada da literatura: que obedecesse, “a critérios que preservem o literário”, que propiciem ao leitor a “vivência do literário, e não uma distorção ou uma caricatura dele”. Mais ainda, que “conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar”.

SOARES, Magda. A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (orgs). *A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p 17-48.

<sup>3</sup> CASTRO, Cláudio Moura. O Brasil lê mal. *Veja*, 06.03.2002, p. 20.

LEIA BRASIL. [www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito](http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito), 03.2002.

O *Leia Brasil*, trazendo o conceito de *desescolarização*<sup>4</sup>, colocou em discussão o artigo, para incrementar os atuais debates sobre ensino da literatura.

É impossível negar, como pesquisadores da área da Sociologia da Leitura, que, conforme denuncia o artigo citado, pareça haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Se, por uma perspectiva pragmática, lamenta-se que os alunos se contentem com uma compreensão superficial do texto, pela perspectiva da escolarização da literatura, lamenta-se que os alunos não leiam como poetas. Melhor dizendo, vários textos acadêmicos vêm constatando como as estratégias de escolarização, em benefício apenas da extrapolação, vêm matando o que há de possibilidades artísticas nos textos e nos livros literários<sup>5</sup>.

Em primeiro lugar, há que se perguntar se são os alunos, ou se são as atividades de leitura propostas na escola, seja através do livro didático ou não, que se contentam com uma compreensão superficial dos textos. Até que ponto estarão os livros didáticos contribuindo para a construção e desenvolvimento de conhecimentos e de percepções na área da linguagem, no campo da Ciência Lingüística e da Arte Literária?

Verificando, no Guia dos Livros Didáticos – PNLD 2002, como grande parte dos pareceristas consideraram o tratamento dado à leitura literária nos livros de Língua Portuguesa de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries, constata-se

*um enfoque historiográfico, centrado nas características dos estilos de época e nos elementos estruturais de composição (foco narrativo, caracterização de personagem, ritmo e rima na poesia). As principais habilidades trabalhadas são a localização de informações e a paráfrase. Com relação à exploração estilística e estética, muitas vezes as propostas limitam as possibilidades de experimentação pelo leitor, quando, por exemplo, solicitam do aluno (...) ora apenas identificar as intenções do*

---

<sup>4</sup> Termo empregado por especialistas em leitura e educação para combater o utilização do livro como tarefa, dever e meio de avaliação na escola. Segundo eles, a leitura deve ser um ato de prazer e não obrigação.

<sup>5</sup> Cf. Soares, op. cit; SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986; EVANGELISTA, Aracy Alves Martins. *Escolarização da literatura entre ensinamento e mediação cultural: formação e atuação de quatro professoras*. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2000. (Tese de doutorado); etc.

*autor (...), ora utilizar poemas exclusivamente para estudo de conteúdos gramaticais (...) ora passar do sentido conotativo para o sentido denotativo, o que é questionável.* (MEC, 2001: 56, 79, 90, 116)<sup>6</sup>.

As atividades arroladas acima, além de pouco desafiadoras, estão deixando de propor a exploração da intertextualidade, da interdiscursividade, da interdisciplinaridade, dos recursos lingüísticos, dos recursos estilístico-estéticos e de estratégias diversificadas (antecipação/predição, checagem de hipóteses, elaboração de inferências, comparação e generalização de informações, etc.). Tais tipos de exploração, tanto podem servir aos propósitos lingüísticos quanto aos propósitos artísticos, se se pressupõe que os leitores, diferenciados que são, participam – com seu componente intelectual, emocional e sócio-histórico - da produção ativa e propositiva de sentidos, em processos de interlocução com diferentes gêneros textuais, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais, e com as estratégias de produção dos textos. Enquanto fazem isso, os alunos poderão ir processando não somente cognitivamente os textos, ainda que não seja exclusivamente segundo os códigos da sintaxe, por sua rigidez, mas também poderão ir processando afetiva, social e politicamente os textos. Assim fazendo, poderão ir se distanciando dos atos restritos de extrapolação, de *divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando ou sobre o que evoca o texto*.

Em segundo lugar, a perspectiva dicotômica que o texto da revista *Veja* apresenta aponta ainda pelo menos três tipos de primazia a) da cognição sobre a imaginação; b) dos cientistas sobre os poetas; c) da leitura de textos científicos ou da esfera pública e do cotidiano sobre a leitura de textos da esfera das artes, entre eles a literatura. Tal perspectiva deixa de levar em conta as possibilidades de contribuição tanto da arte como da ciência para a formação do ser humano,

---

<sup>6</sup> Cf. EVANGELISTA, Aracy. A escolarização da Literatura forma leitores? CD Rom VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada: A Linguagem como Prática Social. ALAB, 2002.

como afirma Affonso Romano de Sant'Anna, ao comentar o texto da *Veja - assim é a arte, assim é a ciência: essa capacidade de dar visibilidade ao que está aí e outros ainda não viram*<sup>7</sup>.

A seguir, serão apresentados alguns exemplos de atividades propostas por uma coleção de livros didáticos, que mais se aproximam das possibilidades de uma escolarização *adequada* da leitura literária, em processos escolares de formação de leitores.

### **Sobre uma coleção de livros didáticos de Português**

Para exemplificar melhor em direção a uma reflexão entre educadores, revisitando o Guia do PNLD 2002, buscou-se identificar alguma coleção de livros didáticos cuja resenha apontasse mais aspectos positivos do que negativos, no tocante à formação de leitores.

Nesse sentido, retomando a atualidade do tema letramento<sup>8</sup> como prática social de interação dos sujeitos com materiais escritos, Soares, discutindo no *Leia Brasil* virtual o artigo de *Veja*, manifesta a importância da utilização de gêneros diversificados como complemento imprescindível para a formação de leitores.

***Ler como prática social de interação com material escrito torna-se verbo transitivo, exige complemento: o alfabetizado, o letrado lê (ou não lê) o quê? lê mal (ou lê bem) o quê? o jornal? o best-seller? Sabrina? Machado de Assis? Drummond? a revista Capricho? Playboy? Bravo? Caros Amigos? Veja, Isto é, Época? a conta de luz, de água, de telefone? a bula do remédio? o verbete do dicionário, da enciclopédia?***<sup>9</sup>

Assim, foi possível encontrar uma entre as coleções recomendadas que anunciava em sua resenha *complementos* que asseguravam uma certa diversidade de gêneros textuais:

*A seleção textual inclui letras de música, poemas, crônicas, fragmentos de romances de escritores consagrados e de nomes conhecidos da literatura infanto-juvenil contemporânea, textos práticos do cotidiano (cartas, documentos, conta de água, bula de remédio, folha de cheque),*

---

<sup>7</sup> SANT'ANNA, Affonso Romano de. Questões de matemáticas. [www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/affonso.htm](http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/affonso.htm), 08.03.2002.

<sup>8</sup> SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

<sup>9</sup> SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. [www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/magda.htm](http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/magda.htm), 08.03.02.

*textos informativos, como notícias e reportagens de jornais e revistas, verbetes de dicionários e enciclopédias, entre outros. Estão presentes, também, textos verbo-visuais, como gráficos, tabelas, histórias em quadrinhos, charges, e textos visuais, como fotografias e pinturas*<sup>10</sup>.

Soares, porém, postula que não basta somente isso. Segundo essa autora, se *ler, verbo transitivo, é um processo complexo e multifacetado: depende da natureza, do tipo, do gênero daquilo que se lê, depende sobretudo, do **objetivo** que se tem ao ler.*

Em busca dos objetivos que as atividades de exploração de estratégias de leitura<sup>11</sup> põem para os alunos nos livros didáticos dessa mesma coleção, encontram-se esses comentários na resenha do Guia a respeito de como esses alunos e os seus objetivos são levados em conta:

*Os temas são atuais, instigantes e adequados ao público a que a coleção se destina: “Construindo um mundo legal”, “Ligado na era da comunicação”, “Em defesa da vida”, “Adolescer”, “Consumidor cidadão”, “Descobrimos o amor”, “O Brasil que temos”, “O Brasil que queremos”, entre outros. Articulados em projetos, os temas permitem o desenvolvimento de atividades de compreensão e produção de textos integradas a práticas interdisciplinares (...) - em torno de questões sociais ou de cunho pessoal.*

*A coleção faz um trabalho diversificado e consistente com a leitura, apresentando propostas que visam à exploração efetiva e adequada de várias estratégias*<sup>12</sup>.

Em se tratando ainda dos objetivos, tornou-se interessante tomar conhecimento dos objetivos propostos pela autoria da obra no Manual do Professor. Ali se registra que foram levadas em consideração não apenas as práticas dos autores do manual didático, mas também aquelas presentes na ação dos professores que têm dado bons resultados, além das expectativas dos educadores insatisfeitos com os livros didáticos atuais.

Entre os pressupostos metodológicos, para as finalidades deste texto, ressaltam-se dois: o desenvolvimento das potencialidades dos alunos não apenas no campo da racionalidade, mas

---

<sup>10</sup> MEC/FNDE/PNLD 2002. *Guia de livros didáticos: 5ª a 8ª séries*. Brasília, 2001, p. 86.

<sup>11</sup> KLEIMAN, Angela. *Objetivos e Expectativas de Leitura. Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

<sup>12</sup> MEC/FNDE/PNLD 2002. *Guia de livros didáticos: 5ª a 8ª séries*. Brasília, 2001, p. 86-7.

também no campo das emoções, das habilidades artísticas e o desenvolvimento da “Pedagogia do Afeto”, ou seja: contribuir para elevar a auto-estima do aluno, resgatar a alegria de aprender por meio de atividades significativas para o aluno, planejar situações de interação com a possibilidade de expressão de sentimentos sem receios de discriminação, promover a reflexão sobre valores humanos – interagir com o outro, considerando valores éticos.

Ainda de acordo com o Manual do Professor, na leitura de textos escritos, espera-se que o aluno compreenda a leitura em suas diferentes dimensões – o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler – articulando índices textuais e contextuais na construção do sentido do texto de modo a: interpretar recursos figurativos, romper com seu universo de expectativas por meio de leituras desafiadoras, posicionar-se diante da crítica, recusar ou aderir a posições ideológicas que reconheça nos textos que lê.

Na prática de escuta – “Hora do Conto” – o Manual prevê o desenvolvimento das habilidades de concentrar-se, ouvir, imaginar, abstrair, apreciar um texto literário, em busca de uma leitura crítica, partindo de leituras mais impressionistas, ao primeiro impacto perceptivo, chegando a leituras mais contextualizadas e a um estudo mais atento das implicações sociais, culturais, sócio-políticas da obra.

Todos esses objetivos declarados no Manual do Professor, além de uma preocupação em utilizar as múltiplas linguagens com que os jovens hoje em dia lidam socialmente, seja procurando inserir a televisão e o vídeo na sala de aula, seja promovendo oficinas de leitura e produção de programas audiovisuais, seja oferecendo dicas para pesquisa na Internet, apontam ainda para reflexões que pesquisadoras como Cyana Leahy-Dios vêm levantando junto aos

professores de Literatura: *e o que é literatura senão arte, cultura, representação sociopolítica por intermédio da língua, veículo de auto-conhecimento e reconhecimento do outro?*"<sup>13</sup>.

Considerando, porém, com Choppin<sup>14</sup>, um livro didático como *necessariamente redutor*, sobretudo no tocante à sua relação como o Manual que o idealiza, tornou-se imprescindível ir em busca do Livro do Aluno, para aferir as possibilidades de concretização das propostas anunciadas. Em virtude da exigüidade de tempo e de espaço para este texto, serão feitos comentários apenas de algumas atividades do volume de 5ª série, no que se refere à seleção textual e sua relação com os leitores pretendidos, bem como às propostas de exploração de leitura e de leitura literária.

Quanto à seleção textual e sua relação com os leitores, por exemplo, no capítulo 5, intitulado “Entre amigos”, a temática dos textos escolhidos, com um propósito claramente intertextual, vai ao encontro dos interesses ora de alunos de 5ª série que apenas cultivam amizades (Canção da América – Milton Nascimento e Fernando Brant; encontro do Pequeno Príncipe com a raposa), ora de alunos que já se encontram às voltas com pequenas paixões (“Amor ou amizade?”, “Olhou! Parou! Sorriu”, de Carlos Queiroz Telles, uma tirinha de Ziraldo<sup>15</sup>), ora de alunos habitantes de espaços urbanos que já discutem a diferença entre “ficar” e “namorar” (“Por que é melhor namorar?”, texto da revista *Atrevida*, apresentando depoimentos de meninos e meninas sobre essas duas atitudes).

Quanto a propostas de exploração de leitura, o livro propõe três seções distintas: “Prática de leitura” (compreensão), “Texto X contexto” (relação com o universo dos leitores) e “Eu X texto” (extrapolação). Nesse capítulo, os conhecimentos prévios do aluno são considerados, levando-o a fazer predições, tanto em relação aos textos quanto em relação à própria vida: *Você*

---

<sup>13</sup> CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, ASPHE, FaE/UFPEL, n 11, Pelotas-RS: Editora da Universidade, abril, 2002, p. 5-24.

<sup>14</sup> LEAHY-DIOS, Cyana, MENEZES, Claudia Lage Flores. *Língua e literatura: uma questão de educação?* Campinas, SP: Papirus, 2001.

*ainda não sentiu isso? Prepare-se... Esse tempo pode já estar bem pertinho de você. Leia o próximo texto e descubra a aventura vivida pela personagem. Além disso, a comparação de informações, a produção de inferências e a opinião dos alunos são requisitadas em diferentes momentos. Por exemplo: Por que você imagina que as personagens utilizaram a palavra “aquilo” ao falar da relação sexual entre homem e mulher? O que você achou da atitude da professora de pedir aos alunos que pegassem uma folha de caderno e escrevessem ali todas as dúvidas deles? Você gostaria que a sua professora tivesse essa mesma idéia?*

Como atividades de produção de leitura extensiva nessa unidade, o manual didático apresenta como sugestões de leitura, por exemplo, os livros *Sem medo de amar*, de Stela Maris Rezende, Ed. Moderna e *As pilhas fracas do tempo*, de Leo Cunha, Ed. Atual. Para a produção de textos em diferentes gêneros, se propõe “O Dia do Amigo”, para o qual seriam produzidos convites, cartazes, jornais murais, números musicais, varais de poesias, dramatizações, e a “Feira de Talentos”, a fim de que alunos, professores, funcionários e pais revelem seus talentos, compartilhem seus saberes.

Em um outro capítulo, num exercício de interdiscursividade, textos da esfera literária se relacionam com textos da esfera jornalística, apontando para uma produção textual. Propõe-se aos alunos a comparação quanto ao gênero textual, ao suporte e à linguagem utilizada em trechos do livro *Agenda poética*<sup>16</sup>, de Telma Guimarães Andrade, Ed. Scipione, e em anúncios classificados de jornal, para sugerir uma atividade de criação, utilizando uma linguagem

---

<sup>15</sup>Nessa tirinha de Ziraldo, o Menino Maluquinho aconselha o amigo a dizer, diante da sua pretendida “Eu me curvo diante de tanta beleza!”. O amigo, desajeitado, se curva para trás, deixando a menina atônita.

<sup>16</sup> Cf. ANDRADE, 1997, p. 56 *Vende-se, Aluga-se, Troca-se*

*Pai usado, em estado de novo, pouco cabelo branco, sem vícios, movido a gasolina (álcool de jeito nenhum), pega na primeira partida, não pára nunca, está sempre de boa vontade, cara legal, nunca te deixa na mão(...) Dá marcha à ré sempre que for preciso, deixa bater o maior vento em você, liberdade total(...)*

*Mãe usada, em estado de nova, cabelos pintados recentemente, sem vícios, movida a diesel(...) Se te deixar na mão é porque você esqueceu da água, de dar uma passada no posto(...) Tem um belo estofamento, freios perfeitos, breque em cima, direção de piloto de fórmula um. Faço doação no caso de nenhum interessado.*



metafórica: *Crie um classificado, caracterizando seus próprios pais por meio de alguma comparação, usando a linguagem figurada.*

Limitações podem ser apontadas nesse livro didático, como, por exemplo – apenas nesses trechos -, a não-fidelidade ao suporte original, no caso dos classificados, a confusão entre gêneros e tipos de textos. Será que algum livro didático consegue cumprir seus próprios objetivos, ou os objetivos do ensino de língua e de literatura?

### **Reflexões sobre a Escolarização da Leitura Literária**

Para alicerçar as reflexões sobre a literatura na escola, dois autores que discutiram o artigo de *Veja* apontam perspectivas de exploração da leitura literária: a primeira, no ambiente escolar, numa interação com outras leituras, sem medo da possibilidade de um passeio pelo imaginário, ou seja, entre realidade e fantasia, os leitores poderão usufruir, conscientemente, de textos que transitam em diferentes esferas. Segundo Magda Soares,

*é função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real. (Soares, 2002, op. cit)*

O segundo autor, Paulo Condini, aponta a perspectiva de uma busca de práticas culturais advindas dos espaços sócio-históricos dos leitores em formação.

*Dos leitores, é suficiente esperar-se que disponham de um sólido repertório, que tanto mais competente será, quanto mais as escolas dediquem o mesmo tempo de trabalho e de valorização, tanto aos conhecimentos pragmáticos das matérias de seu currículo, quanto aos das manifestações culturais da humanidade, facilmente encontradas nas obras do cinema, do teatro, das artes plásticas, da música, da dança, da arquitetura, do paisagismo, da literatura, etc.<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> CONDINI, Paulo. O Brasil lê muito pior do que se pensa.  
[www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/paulo.htm](http://www.leiabrasil.org.br/leiaecomente/valeoescrito/paulo.htm), 08.03.2002.

Voltando ao livro didático, foco deste texto, é preciso lembrar com Choppin (op. cit.) que *ele só existe, em definitivo, pelos usos que dele fazemos*). Segundo esse autor, para nós, professores, o livro didático *não é um livro que lemos, mas um instrumento que usamos*. E esse uso não poderia explorar ao máximo as potencialidades desse instrumento, ou procurar ultrapassá-lo? Isso certamente vai depender da formação que tivemos a oportunidade de partilhar em nossa trajetória, em processos de formação inicial, ou de formação continuada, que ainda podemos tentar atualizar. Dessa forma, não podemos contribuir para que os alunos construam e desenvolvam conhecimentos sobre as diferentes linguagens, bem como percepções cada vez mais aguçadas sobre a interação entre as artes, procurando minimizar primazias apontadas no início deste texto? Assim sendo, poderão conviver cognição e imaginação, cientistas e poetas; textos científico-pragmáticos e textos da esfera das artes, entre eles os textos literários?